

INTERTEXTUALIDADE INTERGÊNEROS EM FOCO

Gilles Villeneuve Souza Nascimento

Prefeitura da Cidade do Recife – g.villeneuve@hotmail.com

Resumo: Este artigo pretende aprofundar estudos sobre uma interessante área dos gêneros textuais: a intertextualidade intergêneros. Conhecida também pelos termos *hibridização* ou *mescla de gêneros*, tal forma de composição textual se encontra presente em diversas publicações que circulam entre os usuários da língua atualmente. Entretanto, classificar e refletir sobre casos de intergenericidade tem se revelado um desafio no ensino-aprendizagem de língua portuguesa, uma vez que alguns estudantes ainda não reconhecem a intencionalidade expressa na produção como fator primordial na definição gênero textual, revelando certo desconhecimento sobre a temática em geral. Sendo assim, este estudo se propõe a explorar tal universo, reiterando o propósito comunicativo como elemento preponderante na classificação do gênero, tecendo breves comentários sobre a situação do ensino e analisando dados de uma pesquisa de campo realizada com discentes de uma escola pública da Cidade do Recife.

Palavras-chave: Intertextualidade intergêneros, gênero textual, propósito comunicativo.

INTRODUÇÃO

Ao realizar qualquer tipo de leitura de textos escritos todo o apreciador deve (ou pelo menos deveria) ter a capacidade de visualizar elementos que caracterizam a produção em foco. Sabe-se que, em sua plena dimensão, o texto é um ato consequência do social e exerce poder transformador sobre o cidadão. Além de informar, pode conduzir a uma reflexão ou posicionamento crítico, pode satirizar, divulgar um produto, ensinar a receita de uma comida, entre outras funções.

Considerando o que foi dito para iniciar as discussões, os textos se apropriam de elementos que os identificam, sejam estes de caráter funcional (finalidade sociocomunicativa) ou formal (estrutura). É muito comum se pensar que as produções possuem estruturas engessadas, como se fossem invariáveis, incapazes de modificações, estacionadas no tempo, lembrando até as estruturas da literatura clássica ou da gramática normativa. Mas é importante frisar que “[...] assim como as práticas vão mudando e se re-configurando, os gêneros textuais vão acompanhando essa mudança” (SANTOS; MENDONÇA; CAVALCANTE, 2007, p. 29). Muitos gêneros do cotidiano surgiram a partir de adaptações ocasionadas pela necessidade dos indivíduos de se comunicarem rapidamente, e as inovações tecnológicas certamente influenciaram na transformação desses textos. Como exemplo básico pode-se citar a mensagem instantânea enviada pelo smartphone que hoje praticamente já substitui o bilhete muito usado antigamente entre vizinhos, familiares e amigos. Nota-se, pois, que a função de ambos é a mesma, mas o ambiente utilizado para a comunicação foi alterado.

Além do caso citado, atualmente é comum notar textos com certos objetivos sociocomunicativos, mas em outro formato que não é aquele seu original, consagrado ou conhecido historicamente. Trata-se de uma estratégia de composição diferenciada que desperta a atenção do leitor e rompe com a expectativa justamente por não ser o habitual. Esta é conhecida como intertextualidade intergêneros, objeto de aprofundamento deste trabalho.

Ao se estudar a intertextualidade intergêneros é preciso antes compreender melhor o universo dos gêneros textuais, pois como se trata de hibridização ou mescla, é comum perceber distorções no tocante à classificação da leitura analisada. Em outras palavras, como classificar uma propaganda no formato de história em quadrinhos ou uma notícia em forma de poesia? Qual é o gênero? Qual é a intenção existente? Sendo assim, não há como dissociar tais etapas e o artigo pretende deixar claro estes pontos. Primeiramente refletindo sobre o parecer de pesquisadores da área. Depois analisando alguns exemplos visando compreender e valorizar a intergenericidade. E por fim discutindo acerca da situação do ensino e dos resultados de uma pesquisa de campo.

ENTENDENDO OS GÊNEROS TEXTUAIS

Explorando de maneira bastante simplificada, sabe-se que os textos que circulam no cotidiano possuem finalidades específicas, cada qual com suas marcas de identidade. Alguns objetivam informar, outros ensinar, solicitar, provocar o riso... Em síntese, tentam suprir, através da escrita ou da oralidade, as necessidades comunicativas nos contextos práticos de uso da língua. Estes são os gêneros textuais que “[...] contribuem para ordenar e estabilizar as atividades comunicativas do dia-a-dia” (MARCUSCHI, 2003, p. 19).

Luiz Antônio Marcuschi, grande estudioso no campo da linguagem, em seu artigo *Gêneros textuais: definição e funcionalidade* realiza profundas observações sobre a citada área. Antes de partir para a definição propriamente dita, o pesquisador se preocupa em deixar claro que os gêneros não são instrumentos estanques, mas se tratam de eventos textuais propensos a transformações por serem dinâmicos e as inovações tecnológicas têm influenciado ativamente nessas mudanças (2003, p. 19). Esta situação ficou clara na introdução do artigo quando se tomou como exemplo a relação de semelhança na intenção exercida pela mensagem instantânea e pelo bilhete. Outro caso comum ocorre entre o e-mail e a carta que possuem basicamente a mesma função, mas ocorrem em espaços distintos. É importante abordar rapidamente este aspecto, pois em muitos casos o suporte utilizado determina a classificação do gênero.

Marcuschi enfatiza que os gêneros “caracterizam-se muito mais por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais do que por suas peculiaridades linguísticas e estruturais” (2003, p. 20). É imprescindível refletir sobre esta questão, pois muitos ao classificarem a produção quanto ao gênero, às vezes priorizam mais a estrutura do que a função/intencionalidade – seja esta de maneira implícita ou explícita – presente no texto. Entretanto, são os tipos textuais (e não os gêneros) que se preocupam com a estrutura da composição.

Assim, para a noção de *tipo textual* predomina a identificação de *sequências linguísticas típicas* como norteadoras; já para a noção de *gênero textual*, predominam os critérios de *ação prática, circulação sócio-histórica, funcionalidade, conteúdo temático, estilo e composicionalidade* [...]. (MARCUSCHI, 2003, p. 24).

Embora tenha relevância para qualquer estudo sobre texto, os tipos textuais (narração, argumentação, exposição, descrição e injunção) não serão aprofundados neste.

Koch e Elias (2009, p. 113) em seus estudos afirmam que “os gêneros não se definem por sua forma, mas por sua função” e deixam claro que “um gênero pode assumir a forma de outro e, ainda assim, continuar pertencendo àquele gênero”. É importante analisar tais aspectos, pois reforçam a ideia do propósito comunicativo como essencial na classificação da produção escrita. Tal ponto será visualizado nas discussões sobre intertextualidade intergêneros, conforme será visto mais adiante.

Além dos pontos citados, é interessante notar que os textos se organizam como gêneros textuais que atendem a situações específicas. E as práticas sociais de uso da língua têm papel determinante nesse processo. Santos, Mendonça e Cavalcante (2007, p. 29) comentam:

[...] nas práticas de uso da língua, todos os textos se organizam como gêneros textuais típicos, que usamos para contextos determinados social e historicamente, a partir das estratégias interativas construídas na sociedade em que estamos inseridos. Tais práticas vão requerer gêneros específicos adequados àquele contexto comunicativo.

Diante do que foi dito e sintetizando as explanações, pode-se compreender a expressão gênero textual da seguinte forma:

Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os *textos materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sociocomunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. [...] os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais* e assim por diante. (MARCUSCHI, 2003, p. 22-23).

Como se pode perceber, é enorme a diversidade de gêneros existentes porque, conforme visto anteriormente, “como práticas sociocomunicativas, são dinâmicos e sofrem variações na sua constituição, que, em muitas ocasiões, resultam em outros gêneros, novos gêneros” (KOCH; ELIAS, 2009, p. 101).

A INTERTEXTUALIDADE INTERGÊNEROS

Partindo agora para o estudo de um campo mais específico dos gêneros textuais, a *intertextualidade intergêneros* trata-se de um “evento” em que um gênero enquanto função sociocomunicativa se apropria do formato de outro para dizer o que pretende, ocorrendo uma mistura. Conhecida também pelos termos *hibridização* ou *mescla de gêneros*, é uma técnica diferenciada de construção da produção, pois conforme se sabe (e se espera), há gêneros com formas e funções “consagradas” historicamente e socialmente, e o texto híbrido quebra com a expectativa geralmente criada por parte do leitor sobre a composição. Sobre esses pontos Dell’Isola (2006, p. 76) sintetiza:

O gênero híbrido aparentemente infringe convenções estabelecidas e caracteriza-se por uma estrutura em que há ruptura do convencional, do previsível, a qual parece se manifestar no texto sob a forma de uma incongruência, em que se espera do leitor uma “descoberta” de uma função social no texto que não está na superfície de sua macroestrutura.

Trata-se de uma técnica interessante, inteligente e contemporânea de construção textual. Além disso, prova os posicionamentos de Marcuschi (2003, p. 19) quando este afirma que o texto não é algo rígido, mas passível de transformações.

Koch e Elias definem brevemente a intertextualidade intergêneros da seguinte maneira: “é o fenômeno segundo o qual um gênero pode assumir a forma de outro gênero, tendo em vista o propósito de comunicação” (2009, p. 114). Antecessor às teóricas nesses estudos, Marcuschi utiliza a expressão “para designar o aspecto da hibridização ou mescla de gêneros em que um gênero assume a função de outro” (2003, p. 31).

Objetivando compreender melhor a hibridização, é interessante analisar alguns casos como exemplos.



TEXTO 1

QUIRIRIM NEWS
Tachati - Sábado - 3 de Novembro de 2012

Finalmente eles decidiram: O casamento vai sair!

NOTÍCIA DE ÚLTIMA HORA

Após diversos boatos e especulações, fomos informados por fontes seguras, que Elisa e Vagner decidiram se casar.

A notícia do casamento teve repercussões gigantescas. Em virtude do anúncio do acontecimento, inúmeros rumores e especulações vêm surgindo entre amigos e parentes, inclusive da família dos noivos.

Amigos e parentes ainda não acreditam no que aconteceu, uns dizem que já haviam perdido as esperanças, outros preferem aguardar a data da cerimônia para confirmar a veracidade da notícia.

"Tudo começou com olhares na rua onde a gente morava, a famosa RUA 3, ele apareceu como um príncipe na



minha vida...mas não demorou muito para voltar a ser sapo!!! (risos)

O primeiro beijo aconteceu, exatamente 16 anos atrás, em 03 de novembro de 1996, no clube ADPM, ao som de Zezé de Camargo e Luciano".

E como toda bela história tem um final feliz, não deixe de prestigiar esse evento e compartilhar a felicidade e a alegria desse casal.

Os pais da noiva Toninho e Dinalva juntamente com os pais do noivo Manoel e Naira, aguardavam ansiosamente esse dia, ele chegou! Os noivos oficializarão a união numa bela cerimônia.

*Um novo capítulo começa a ser escrito na história de amor de Elisa e Vagner.
Eles subiram ao altar para unir a mão sobrado
"eu te declare marido e mulher"*

Disponível em: <https://meucasamento.org/convites-de-casamento/tipo-jornal/>

Como se pode perceber, visualmente o texto 1 possui uma organização que a priori remete a uma notícia. A estrutura utilizada – lembrando o formato de jornal – de certa forma contribui para tal expectativa inicial. Nota-se, por exemplo, na parte superior informações sobre o local e a data; a manchete aparece num tamanho de letra maior. Além disso, o conteúdo dessa “notícia” contém marcas linguísticas próprias do texto jornalístico: “Após diversos boatos e especulações, fomos informados por fontes seguras...”; “... inúmeros rumores e especulações vêm surgindo...”. Entretanto, mesmo com a presença desses aspectos, percebe-se que a intenção predominante é a de convidar alguém (nesse caso o leitor) para o casamento. Sendo assim, num método bastante criativo o gênero convite se apropriou do formato de uma notícia para realizar seu propósito comunicativo. Não deixou de ser convite por conta dessa transformação, mas simplesmente quebrou a expectativa gerada sobre o gênero, exposto apenas sobre outro formato.

TEXTO 2



Disponível em: <https://plus.google.com/+BodeGaiatobodegaiato/posts/2HZKNi7Mx2U>

Organizado sobre os moldes de uma história em quadrinhos, o texto 2 de forma bastante criativa visa promover uma marca, função principal exercida pelo gênero anúncio publicitário. Ao analisar a produção, nota-se a divisão dos quadros, a presença de personagens, o diálogo e o produto que se pretende divulgar. Este último elemento não é tão comum de ser visualizado sobre tal estrutura. Mas como o texto se trata de mais um caso de hibridização, a mistura foi possível. Percebe-se na história que o personagem principal da cena avança na fila por estar com uma antena na mão. Uma das personagens se sente incomodada com a situação e reclama. Por fim, o protagonista se apropria do *slogan* do produto como uma espécie de argumento de defesa adotado para justificar a sua atitude: *Você na frente sempre*.

Obviamente que os traços presentes na produção provocam o riso no leitor, tanto por conta da organização (personagens cômicos, vocabulário coloquial), quanto pela justificativa dada pelo personagem central em seu ato. Mas o objetivo sociocomunicativo em anunciar o produto se encontra presente. Dessa forma, a história em quadrinhos elaborada está a serviço do gênero propaganda.

TEXTO 3

**Já era quase madrugada
Neste querido Riacho Fundo
Cidade muito amada
Que arranca elogios de todo mundo**

**O plantão estava tranqüilo
Até que de longe se escuta um zunido
E todos passam a esperar
A chegada da Polícia Militar**

**Logo surge a viatura
Desce um policial fardado
Que sem nenhuma frescura
Traz preso um sujeito folgado**

**Procura pela Autoridade
Narra a ele a sua verdade
Que o prendeu sem piedade
Pois sem nenhuma autorização
Pelas ruas ermas todo tranqüilão
Estava em uma motocicleta com restrição**

Disponível em: <http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/08/03/delegado-faz-relatorio-de-crime-em-forma-de-poesia-e-e-repreendido-veja-integra.htm>

O texto 3 é mais um caso que representa ruptura com a expectativa gerada em torno da produção. Afinal, quem esperaria ler um relatório de crime na estrutura de um poema? Neste fragmento (recorte da parte inicial do original) é perceptível a tentativa do autor em manter unidades características deste gênero literário: disposição em versos e estrofes; preocupação com o ritmo ao utilizar rimas alternadas e emparelhadas. Entretanto, a intenção principal não foi produzir arte a partir de um fato, mas foi por incrível que pareça relatar uma situação verídica. O método utilizado para a elaboração do texto 3 ocasionou grande repercussão na mídia da época, quando o delegado de Brasília, Reinaldo Lobo, optou por descrever o crime sob esse molde.

Pode-se dizer até aqui que os três textos possuem características em comum: estão organizados sobre o formato de estruturas reconhecidas, mas com outros propósitos comunicativos, caracterizando a intergenericidade. Mas para se classificar os casos de

hibridização o que se deve priorizar: a estrutura da produção ou sua função/intenção comunicativa?

O gênero textual, seja híbrido ou não, caracteriza-se pela sua intenção sociocomunicativa, pois segundo afirma Koch e Elias, “[...] a função ou propósito comunicativo, mais do que a forma, [...] é preponderante na definição do gênero” (2009, p. 118). É certo que a mistura intergêneros pode incomodar os leitores mais “presos” à tradição estrutural do gênero ou provocar o riso nos leitores mais “modernos”. Mas é importante compreender que ao fazer uso de tal estratégia a intenção do autor não é subverter a composição ao ridículo, e sim dá nova roupagem, nova vida ao texto. Em suma, é simplesmente inovar ao comunicar sob outro formato, irreverente, dinâmico e criativo.

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO E UMA PESQUISA DE CAMPO

Não seria interessante concluir este artigo sem antes refletir sobre como anda o ensino da intergenericidade. Embora haja diversos estudos no campo dos gêneros textuais e os professores recém-formados tenham conhecimentos básicos ou aprofundados sobre a temática, não é muito comum ouvir de docentes relatos sobre o trabalho com sequências ou projetos didáticos voltados ao ensino-aprendizagem da hibridização nas salas de aula do nível fundamental.

Um breve aspecto que deve ser levado em conta e não foge à discussão é sobre a abordagem feita pelos livros didáticos no tocante aos gêneros textuais. Percebe-se atualmente uma grande preocupação das coleções de língua portuguesa em promover a aprendizagem por meio da exploração dos textos. Isto é um ponto positivo, pois considera os propósitos comunicativos do idioma atrelando-os às necessidades básicas dos aprendizes no tocante à leitura, oralidade, produção e análise linguística. Contudo, embora haja toda essa preocupação, não é muito comum encontrar nos livros indicados para o ensino fundamental reflexões sobre a hibridização. É como se a abordagem fosse direcionada a explorar o gênero textual enquanto estrutura e função consolidados padrão. Quando acontece algum caso de mistura intergêneros o assunto geralmente não é tratado com o objetivo crítico-reflexivo ou com tal nomenclatura, além de ser analisado superficialmente.

Partindo das informações anteriores, tanto o *déficit* no ensino da intergenericidade quanto a rara abordagem feita por parte dos livros didáticos acerca do tema podem ser vistos como situações-problemas, fatores que de certa maneira interferem no desconhecimento do aprendiz acerca de uma importante área que perpassa o universo dos gêneros.

Na tentativa de comprovar o despreparo por parte dos alunos do ensino básico sobre a classificação dos gêneros textuais híbridos, uma pesquisa de campo foi realizada no dia 8 de agosto de 2018 com 40 estudantes do 8º ano do nível fundamental (4º ciclo – idades entre 13 e 15 anos), regularmente matriculados na Escola Municipal Arraial Novo do Bom Jesus, localizada na Avenida do Forte, Torrões, Recife – PE. Utilizando um questionário impresso como instrumento de coleta, foi proposto aos participantes a resolução de três perguntas objetivas baseadas nos textos 1, 2 e 3 (analisados no momento anterior deste). A pergunta padrão formulada foi a seguinte:

De acordo com o seu conhecimento sobre gêneros textuais, como você classificaria os textos 1, 2 e 3?

- Opções de resposta para o texto 1: a) notícia; b) convite; c) charge; d) resumo.
- Opções de resposta para o texto 2: a) história em quadrinhos; b) propaganda; c) charge; d) fábula.
- Opções de resposta para o texto 3: a) poema; b) relatório de crime; c) conto; d) parábola.

É importante destacar que para facilitar a análise dos dados intencionalmente se elegeu nas três questões a alternativa “B” como a resposta esperada, até porque, segundo explícito durante os estudos e com a conclusão dos teóricos citados, o propósito comunicativo é o que se sobressai na classificação do gênero. Em contrapartida, a alternativa “A” nas três questões indica justamente o formato estrutural em que se apresentam os textos. As opções de respostas adotadas em “C” e “D” foram selecionadas aleatoriamente.

Após todo o processo de coleta e análise, percebeu-se que as respostas fornecidas pelos entrevistados revelaram dados nada animadores como se pode visualizar na tabela a seguir:

	ALTERNATIVAS	RESPOSTAS OBTIDAS (POR QUANTIDADE DE ALUNOS)	%
TEXTO 1	a) Notícia	28	70%
	b) Convite	10	25%
	c) Charge	1	2,5%
	d) Resumo	1	2,5%
	TOTAL:	40	100%



TEXTO 2	a) História em quadrinhos	17	42,5%
	b) Propaganda	12	30%
	c) Charge	3	7,5%
	d) Fábula	8	20%
	TOTAL:	40	100%
TEXTO 3	a) Poema	22	55%
	b) Relatório de crime	9	22,5%
	c) Conto	5	12,5%
	d) Parábola	4	10%
	TOTAL:	40	100%

Conforme se pode constatar, os resultados da pesquisa revelaram justamente o oposto do que se defende ao longo do trabalho quando este reforça a ideia de que a intenção sociocomunicativa é preponderante na definição do gênero (KOCH; ELIAS, 2009, p.118). Percebe-se que, nas três questões, a maioria dos discentes responderam as alternativas “A”, valendo-se da estratégia de eleger a estrutura para classificar os textos. Em contrapartida, as respostas consideradas ideais por justamente representar as práticas sociais de uso dos textos 1, 2 e 3 (Alternativas “B”) obtiveram baixos índices de escolha, não atingindo sequer a marca de 1/3 dos educandos para cada questão. Tal resultado negativo pode ser visto um problema que esteja passando “despercebido” no ensino dos gêneros, precisando ser revisto pelos professores e estudiosos de língua portuguesa.

Além desse fato, outro dado interessante de analisar é o caso dos aprendizes que selecionaram as opções “C” e “D” como corretas, revelando concepções distorcidas ou despreparo no que se refere aos gêneros e suas características. Só para se ter uma dimensão do problema, 20% dos entrevistados classificaram o texto 2 como uma fábula, acreditando talvez que a história se enquadre neste gênero pelo simples fato de conter personagens que são representados por animais. Já 22,5% dos estudantes elegeram o texto 3 como sendo um conto ou uma parábola, fugindo completamente da real função da produção analisada. Os demais casos por si só já reforçam a existência do problema dispensando comentários.

No geral, a pesquisa mostra certo desconhecimento por uma parcela dos estudantes no que diz respeito à própria definição e funcionalidade/intenção a respeito da temática abordada. Este fato revela uma face no ensino básico que talvez precise ser revista. A intertextualidade

intergêneros foi utilizada como tema de aprofundamento e suporte. Independente de os textos serem híbridos ou não, é fundamental o indivíduo reconhecer as práticas sociais de uso aos quais estes se direcionam. Os professores de Letras têm importância fundamental neste processo, capacitando-se frente às novas concepções de ensino para melhor instruir os aprendizes na exploração dos gêneros textuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os leitores em formação precisam ter em mente que é impossível se pensar em textos como “entidades intocadas”, com formas e propósitos comunicativos inalterados. É certo que, conforme descrito em momentos específicos do artigo, há gêneros textuais reconhecidos historicamente e socialmente. Afinal, espera-se a notícia com a função e estrutura de notícia, o relatório nos moldes de relatório, o artigo de opinião da maneira que se consagrou o artigo de opinião. Porém, “Afirmar que os gêneros são produzidos de determinada forma não implica dizer que não sofrem variações [...]” (KOCK; ELIAS, 2009, p. 106).

Diante de toda a explanação realizada, depreende-se que é imprescindível os leitores em geral e principalmente professores e alunos de língua portuguesa sempre ampliem seus conhecimentos sobre os gêneros. Dominar conceitos essenciais como a definição e funcionalidade, além de dispor de capacidade crítico-reflexiva e conhecimento básico sobre as características dos diversos gêneros existentes são fatores que auxiliam no momento de qualquer análise. Dessa forma fica mais fácil reconhecer a função sociocomunicativa expressa no texto, seja este de caráter híbrido ou não, para assim poder classificá-lo.

No que se refere à intertextualidade intergêneros, deve-se levar em conta a necessidade de investigações mais aprofundadas. Conforme ficou evidente, trata-se de uma tendência atual e diferenciada na organização textual. Além de despertar a atenção, nota-se que é bastante utilizada em produções de grande circulação. É importante conteúdo de estudo no campo da linguagem. Entretanto, o ensino sobre a intergenericidade talvez não esteja recebendo o merecido trato no nível básico da escolaridade. A pesquisa realizada com um grupo de alunos de uma escola pública da Cidade do Recife de certa forma comprovou essa hipótese.

No mais, espera-se que este trabalho tenha promovido reflexões interessantes acerca da temática, podendo ser utilizado como suporte ou até como inspiração para pesquisas complementares à área.

REFERÊNCIAS

DELL'ISOLA, Regina L. Péret. Gêneros híbridos: contornos difusos?. In: PG LETRAS 30 ANOS – O CAMINHO SE FAZ CAMINHANDO, 2006, Recife. **Anais do PG Letras 30 Anos**. Recife: Editora Universitária UFPE, 2007. p. 66 - 80.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Marianne C. B. Trabalhar com texto é trabalhar com gênero? In: SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Marianne C. B. (orgs.). **Diversidade textual: os gêneros na sala de aula**. 1 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.